



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING

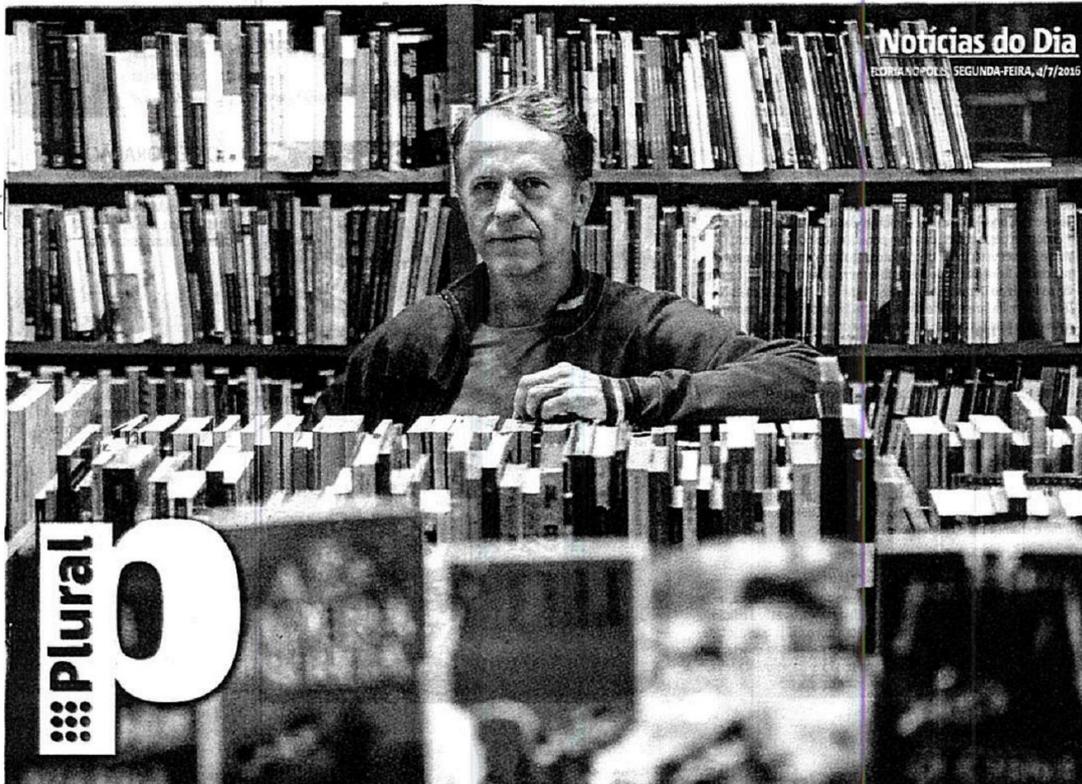


Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

04 de julho de 2016

Notícias do Dia Plural "Estratégia livreira"

Estratégia livreira / Daniel Mayer / UFSC / Livros & Livros / Trajetória



Mudanças. Daniel Mayer, proprietário da Livros & Livros, que começou como um sebo, chegou a ter uma megastore no Centro da cidade e hoje mantém dois pontos na UFSC e trabalha com venda on-line

Estratégia livreira

28 anos. A trajetória da Livros & Livros, livraria que se adaptou ao longo dos anos às mudanças no mercado editorial do país

MARCIANO DIOGO
marciano.diogo@noticiasdodia.com.br

Se adaptar as estratégias de compra e venda para resistir às mudanças de mercado é inevitável para as pequenas livrarias. Poucas delas conseguem conservar o atendimento humanizado e pessoal que vai além do comércio habitual. A Livros & Livros, que completou recentemente 28 anos em atividade em Florianópolis, é uma delas. Tendo à frente o livreiro Daniel Mayer, 55, a livraria vem atuando na área de ciências humanas e sociais desde sua abertura em junho de 1988. "Sempre gostei de ler e trabalhar com livros, desde criança estudava muito com leituras programadas", afirma Mayer.


• Livros & Livros, Campus Universitário UFSC, Centro de Cultura e Eventos, Trindade, tel. 48 32221244. www.livroselivros.com.br. De segunda a sexta-feira das 9h às 19h.

Com uma vida dedicada aos livros e leitores, Daniel trabalhou como livreiro durante oito anos em outras lojas antes de decidir abrir sua própria. Natural de Pon-

ta Grossa, no Paraná, e radicado em Florianópolis desde adolescência, o livreiro conta que a Livros & Livros iniciou como sebo na rua Deodoro, no Centro da Capital, onde funcionou de 1988 a 2000 comercializando livros técnicos e de literatura, desde os títulos clássicos a best-sellers. "Em 1991, além do ponto no Centro da cidade, abrimos uma livraria setORIZADA no CFH [Centro de Filosofia e Ciências Humanas] da UFSC, e a partir daí estabelecemos também o nosso foco no atendimento de professores e estudantes dos cursos de humanas. Essa livraria setORIZADA existe até hoje", observa o dono da Livros & Livros.

Foi em 2000 que a Livros & Livros localizada no Centro de Florianópolis foi transferida para rua Jerônimo Coelho e assumiu o porte de megastore, comercializando também CDs e DVDs, além de ter um cybercafé. "Naquela época se tornou um ponto cultural da cidade, com encontros, oficinas e mui-

tos lançamentos de livros", conta o livreiro. Diante das mudanças de mercado, a Livros & Livros no Centro da cidade teve suas portas fechadas em 2012, mas antes disso, em 2009, abriu outra unidade no Centro de Cultura e Eventos da UFSC, sede essa que existe até os dias atuais. "Não houve demanda ou capacidade para manter duas livrarias grandes. Resistimos, mas assim como a maioria, tivemos que ir mudando a estratégia", conta Mayer, que a partir de 2005 começou a comercializar os livros também on-line.

Atualmente, a Livros & Livros também oferece produtos de papelaria e tem um acervo de cerca de 40.000 títulos em diferentes editoriais, inclusive livros acadêmicos. "Seguimos crescendo, sempre buscando melhorar os serviços. Trabalhamos com um número crescente de editoras, tendo ainda a distribuição exclusiva em Florianópolis de algumas delas, principalmente as universitárias", conclui o livreiro Daniel Mayer.

Diário Catarinense
Economia
"Quando a exportação vai por nuvem"

Quando a exportação vai por nuvem / Vendas de software / Inovação em tecnologia / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Exportação / Empresas de Tecnologia da Informação / Indústria da Moda / Curso de Ciência da Computação / Audaces / Claudio Grando / Ricardo Cunha / Everton Gubert / Cristina Bittencourt / Agriness

NOTÍCIAS | ECONOMIA

QUANDO A EXPORTAÇÃO VAI POR NUVEM

EMPRESAS CATARINENSES MOSTRAM como estão crescendo e se internacionalizando com vendas de software para o mercado externo via internet, uma tendência que desafia países como o Brasil, onde a inovação em tecnologia ainda deixa a desejar

ESTELA BENETTI
ebenetit@diariocatarinense.com.br

Uma transformação silenciosa está ocorrendo no mercado mundial: cresce a riqueza exportada por nuvem, aquela de softwares e outros serviços pela internet que desconhece os obstáculos dos portos. Quem voa mais rápido nesse céu de brigadairo e acumula maior fortuna são os países de primeiro mundo, que desenvolvem sistemas. Esses negócios estão recebendo especial atenção dos governos nos grandes acordos de livre comércio, como a Parceria Transpacífico (TPP) e a Parceria

Transatlântica, essa ainda em negociação. Enquanto isso, poucas lideranças no Brasil acordaram para a virada. Segundo o professor Jorge Arbache da Universidade de Brasília (UnB), o atraso do Brasil nesse mercado é preocupante. Mas um pequeno grupo de empresas de tecnologia de Santa Catarina começa a acelerar ações para avançar nas exportações de sistemas. No primeiro semestre do ano passado – último levantamento do Ministério do Desenvolvimento sobre o setor – as exportações de software de SC registradas no Brasil chegaram a US\$ 7,9 milhões, com crescimento de 2,2% frente ao mesmo período de 2014, enquanto a média nacio-

nal avançou 0,9%. O crescimento estadual deve ser maior porque há empresas com operações totalmente no exterior.

Entre as empresas catarinenses que integram o grupo de exportadoras de sistemas estão a Neogrid, de Joinville, a Audaces, Agriness, Involves, Intradebook e Segware, de Florianópolis. Impulsionar vendas lá fora é um dos focos da Associação Catarinense de Empresas de Tecnologia (Acate) desde a gestão do empresário Guilherme Stark Bernard, recém-encerrada. A nova diretoria, que tem na presidência Daniel Leipnitz, também considera potenciais oportunidades no comércio exterior.

SANTA CATARINA POSSUI

2,9 mil
empresas de Tecnologia de Informação (TI) que faturam
R\$ 11,4 bilhões
por ano

Números dos três maiores polos de TI do Estado:

GRANDE FLORIANÓPOLIS
901
empresas de TI que faturam

R\$ 4,3 bilhões
por ano

VALE DO ITAÍÁ

804
empresas de TI que faturam
R\$ 2,9 bilhões
por ano

NORTE

555
empresas de TI que faturam
R\$ 2,5 bilhões
por ano

DADOS DE 2015 DO SETOR DE TI EM SC (ACATE) EM PARCERIA COM ANECDOTARY

Crescimento nas exportações de software no primeiro semestre de 2015:

SC: **2,2%**
Brasil: **0,9%**

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO (MDIC)

AUDACES

Inovação para a moda

Ser cada vez mais global é a estratégia da Audaces, que atua com softwares e equipamentos para a indústria da moda. É uma das empresas do polo tecnológico de Florianópolis que aproveita esta fase de câmbio favorável para a exportação. No ano passado, obteve receita bruta 51% maior no exterior e para este ano projeta crescer lá fora 40%, informa o presidente da companhia, Claudio Grando.

Fundada em 1992 por dois colegas do curso de Ciência da Computação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Grando e seu sócio Ricardo Cunha, a Audaces vende para mais de 70 países.

— Em 1995 entramos no mercado da moda e começamos a exportar. Hoje, sempre que criamos um novo produto, ele já nasce para atender o mercado global — explica Grando.

A Audaces começou exportando software, mas hoje vende também hardware. Seus clientes estão principalmente na Argentina, Espanha, Portugal, Itália, Polônia e Alemanha. A companhia já está presente na Ásia e espera crescer muito por lá.

— Enquanto brasileiros vão para o exterior comprar tecnologia, a Audaces é a escolhida por empresas italianas de moda, por exemplo. Com foco em inovação, devemos lançar este ano mais um destaque mundial para o setor de moda — antecipa o empresário.

Entre as soluções que fazem sucesso lá fora estão o Audaces Idea para o designer de moda, o Audaces Digiflash para digitalização de moldes, e o Audaces Vestuário, para modelagem e encaixe. Segundo Grando, o sucesso no mercado mundial resulta de equipamentos com alta tecnologia, segurança, precisão e facilidade de operação e manutenção.



DIÁRIO CATARINENSE,
SEGUNDA-FEIRA,
4 DE JULHO DE 2016

6

SEGWARE

Big Brother tipo exportação

Líder em software de monitoramento de alarmes e imagens no Brasil, com 80% das contas do mercado nacional, a Segware, de Florianópolis, iniciou processo de internacionalização em 2012 e se tornou multinacional, com uma filial em Miami, EUA. É de lá que a empresa presidida por Luiz Henrique Bonatti atende clientes de mais de 10 países da América Latina. Segundo ele, a empresa atingiu a meta do ano passado, que era obter 5% da receita bruta total no mercado externo. No ano anterior, 2014, alcançou 3%. Apesar da crise no Brasil, o resultado total foi bom em 2015, com crescimento de 28% da receita e 105 novos clientes.

Com foco na plataforma SaaS (software como serviço), a Segware acaba de colocar em nuvem o seu sistema Sigma. Assim, tem mais facilidade para atender empresas menores no Brasil e exterior. O Sigma controla informações de alarmes, câmeras, imagens e rastreamento veicular.

— Toda a nossa exportação é feita via Miami. Por questões tributárias é mais vantajoso faturar no exterior do que ter estrutura no Brasil, que não oferece benefício fiscal nenhum para quem exporta software como serviço, o que é o nosso caso — afirma Bonatti, ao explicar que o governo brasileiro adota isso para evitar origem duvidosa de dinheiro do exterior.

Em Miami, a Segware conta com o apoio da Apex, que presta serviços de participação em feiras nos EUA. Toda a operação das exportações é feita por uma equipe que atua na América Latina.

NEOGRID

Mais internacionalizada

Dona de tecnologia de ponta para cadeias de suprimentos do varejo (supply chain), a Neogrid, de Joinville, é a companhia de software mais internacionalizada do Brasil, segundo levantamento da Fundação Dom Cabral.

A empresa obteve no ano passado 25% do seu faturamento no exterior, onde cresceu 44% no período. E pelos novos contratos em vigor, a expansão será expressiva também este ano, adianta o diretor de Operações América do Norte, Ricardo Gonçalves.

Atualmente, a Neogrid atua em cinco países. No Brasil, tem matriz em Joinville e filiais em São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e Belo Horizonte (MG). No exterior, está nos EUA (Chicago), Holanda (Amsterdã), Inglaterra (Londres) e Japão (Tóquio). A partir desses escritórios, atende clientes em mais de 30 países e em oito idiomas.

A partir do Brasil, a Neogrid suporta todos os clientes da América Latina, bem como as filiais na América do Norte, Europa e Ásia, que realizam o atendimento aos clientes de cada região. O desenvolvimento dos softwares para todas as regiões é realizado no Brasil — explica Ricardo Gonçalves.

INTRADEBOOK

Para o negócio dar certo

Criar um programa que ensina pequenas empresas a atuar no mercado externo com exportações e importações foi o desafio do economista Alfredo Kleper Lavor, que durante anos ministrou cursos com esse objetivo em SC. Em 2012, ele viabilizou o software Intrade e abriu a startup Intradebook, em Florianópolis.

A intenção era oferecer solução para empresários brasileiros, mas ao lançar o portal da plataforma em três idiomas – português, inglês e espanhol – ele ficou surpreso com o interesse no exterior. Atualmente, o espaço para cadastros no site tem empresas de 54 países, o que fez Kleper concluir que a micro e pequena empresa brasileira enfrenta dificuldades para exportar muito semelhantes às de empresas da Ásia e da África.

Pelo fato de o programa ser didático, Kleper foi convidado a apresentá-lo para o Centro de Comércio Internacional (CCI), instituição da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), ambas da ONU. O CCI está avaliando o sistema para aprová-lo como solução de apoio a pequenas empresas no acesso ao mercado internacional. A intenção é fornecer a plataforma para todo mundo usar.

A Intradebook conta com os sistemas Intrade (informações) e Inbusiness (identificação de clientes) que são gratuitos.

Já o Inservice, plataforma sobre logística, conta com serviços que são cobrados. Kleper divide a gestão da empresa com a sócia Denise Karst Felix. O portal da Intradebook tem quase 800 empresas cadastradas.

AGRINESS

Granjas com gestão digital

Logo após a graduação em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Santa Catarina, Everton Gubert e Cristina Bittencourt identificaram um potencial de uso de tecnologia na suinocultura catarinense. Abriam uma startup para gestão de granjas e oferecem um sistema considerado o melhor do mundo para o segmento, a plataforma Agriness S2.

Natural do Meio-Oeste, Gubert recebeu a demanda de um software para o setor de um grande produtor de suínos da região. Ai, se instalou por 76 horas numa granja para reunir informações e desenvolver o sistema. A observação passo a passo permitiu identificar todas as necessidades de tecnologia.

A Agriness começou a exportar em 2005, a partir de sugestão de um cliente francês, a Pen Ar Lan, especializada em genética suína que atua no Brasil, Argentina, França e Canadá. Hoje, obtém 12% do faturamento no exterior. Em 2015, a receita no exterior cresceu 25% e, para este ano, a projeção é expansão de 30%, informa o presidente da empresa, Everton Gubert.

– Nossa primeira experiência de exportação não foi motivada por nós. Fomos puxados para fora, só que a gente tomou gosto pela exportação – afirma o empresário.

Depois do Brasil, o mercado mais importante da Agriness é a Argentina, onde a empresa tem 180 clientes. Em função disso, o país vizinho foi o escolhido para receber uma edição nacional do importante programa de eficiência produtiva da empresa, denominada Info 360, que distingue as propriedades que conseguem a melhor produtividade. Ele reúne os melhores indicadores da produção da suinocultura brasileira e faz premiações.

A cada ano, o vencedor leva o troféu Leitão de Ouro. O impacto do programa é tão grande que se tornou o principal banco de dados da suinocultura brasileira, observa Gubert.

Entre os passos estudados para a internacionalização da Agriness está a abertura de uma filial na Suíça. Mas, por enquanto, o projeto foi postergado em função do alto custo de investir na Europa, principalmente pela questão cambial. O dólar esteve mais caro nos últimos meses.

ENTREVISTA

JORGE ARBACHE

Economista e professor da UNB

“O Brasil está cem anos atrasado”

Apostando na valorização da educação como um todo e no poder da tecnologia, o economista que atuou no BNDES e no Banco Mundial desenha como o Brasil se comporta em um mundo mais conectado

Que tendências o senhor vê na economia?

Quando colocamos a lupa sobre o futuro, vemos grandes transformações na economia mundial. Uma bastante significativa é a mudança na forma de produzir. Haverá uma redução de custos em função das novas tecnologias e organização da produção, desde as impressoras 3D, robôs, big data, inteligência artificial e outras inovações combinadas com o ambiente de produtividade. Com isso vem a questão da explosiva importância dos serviços e propriedade intelectual dos produtos. O telefone celular da Apple, por exemplo, é montado na China por uma empresa de Taiwan, com peças coreanas e japonesas, mas desenhado e com softwares americanos. Todo esse pessoal que não é americano leva 7% do valor. O desenho, incluindo a maçã da marca, os softwares e funcionalidades respondem por 93% do valor final.

Como vê as mudanças na indústria mundial?

Há uma reindustrialização nos EUA. Isso era impensável há pouco tempo. O mesmo ocorre nos países avançados, como a Alemanha. Produção com altíssima tecnologia. O que gera emprego e riqueza de fato são os serviços intelectuais embutidos direta e indiretamente nesses produtos. Diante disso, teremos países capazes de desenvolver inovação, e aqueles que serão consumidores e produtores de coisas mais básicas.

Que mudanças essas soluções geram no mercado?

O serviço de custo de um navio que para num porto é importante. Mas cada vez mais os serviços que agregam valor serão comprados e vendidos pela internet. Não precisamos de porto. Por exemplo, projetos de arquitetura, de engenharia, um design de uma TV ou o Netflix, o Uber... Eu uso um táxi no Brasil, mas quem me vende o serviço é uma empresa de San Francisco, EUA.

O Brasil percebeu a tendência?

Não até agora. Ainda olhamos a indústria na perspectiva de reduzir custo de toda a forma, com mão de obra, criando subsídio e incentivos fiscais, dando crédito barato, mas custos não serão capazes de fazer a nossa indústria reavivar. Para que de fato isso ocorra, algo que é absolutamente fundamental – não tem economia no mundo que tenha conquistado espaço ao sol sem ter desenvolvido a indústria – precisamos

passar pelo processo de industrialização e de reindustrialização, como é o caso dos EUA. Mas o Brasil, na melhor das hipóteses, está pensando em políticas das mais tradicionais possíveis. Na verdade, o país tem um problema estrutural. Está desconectado do futuro que, em boa parte, já está acontecendo. Agora, está tudo perdido? Eu acho que não.

Por quê?

Porque o Brasil tem oportunidades que outros países não têm. Pense na nossa absurda vantagem comparativa com a agricultura. Mas uma coisa é olhar um produto como a soja como algo tradicional. Outra é observar toda a cadeia de produção que viabiliza a produção da soja. Todas as tecnologias, sementes, drones, passando por satélites, tecnologia de gotejamento, aviões que viabilizam a produção em larga escala, produtividade elevada, com custos decrescentes. Isso sim é o grande ganho.

Como o Brasil pode se inserir nessa nova economia?

As pessoas têm que exercitar a capacidade de elaborar e pensar o novo. Então, temos que mudar também a forma como se ensina. É aprender a aprender que se torna importante, não só aprender lições.

Como é esse aprendizado?

O objeto final do que se está estudando não é o mais importante, mas sim o exercício de elaboração e desenvolvimento de soluções. Parece algo futurista, mas já acontece nos EUA e na Alemanha. E nós ainda estamos tentando colocar meninos de ensino secundário na escola. Estamos muito atrasados.

De quanto é o nosso atraso?

Em 1900, a escolaridade média dos americanos com 15 anos ou mais era de 7,5 anos. A gente só foi atingir isso em 2000, cem anos de atraso. Fomos acumulando décadas de absurdo atraso. Sem falar que medir educação por ano de estudo é algo que precisa ser olhado com cuidado. É mais a qualidade da educação. Isso limita a capacidade de pensar produtos novos, ver soluções mais inteligentes, se adaptar a novas tecnologias, interagir em times. Ter esse efeito cumulativo numa economia que foi se integrando com a globalização. Enquanto a economia era fechada, não tínhamos ideia do nosso atraso. Quando começou toda essa integração econômica, pelos anos 90, a nossa indústria entrou em colapso, e a economia brasileira se fragilizou a cada ano.

INVOLVES

De olho no ponto de venda

Empresa do setor de tecnologia para gestão em trade marketing, a Involves nasceu em 2008 por iniciativa de seis amigos de universidade que se tornaram sócios da empresa baseada em Florianópolis. Segundo o diretor Guilherme Coan, o sucesso da companhia se deve principalmente ao sistema que criou, o Agile Promoter, que permite o acompanhamento do ponto de venda para as indústrias. Antes, as empresas demoravam cerca de seis dias para saber se o seu produto estava em falta.

Hoje, ela sabe em tempo real, observa Coan. Consolidada no Brasil, com milhares de usuários do seu sistema do Acre até o Rio Grande do Sul, a Involves passou a exportar no ano passado a convite de uma multinacional de tecnologia.

– Nossos clientes ficaram tão satisfeitos com o nosso trabalho no Brasil, por isso estão nos levando para os países onde atuam na América Latina. Fomos levados para fora – conta Guilherme Coan.

Atualmente, a Involves obtém 15% da receita no exterior. Atua no México, Chile, Argentina, Colômbia e Peru. O primeiro cliente lá fora foi a Sandisk, multinacional que trabalha com dispositivo de armazenamento flash. Primeiro, levou a Involves para o México, depois, para a Colômbia e Chile. Há alguns meses, foi para a Angola. Já são nove países.

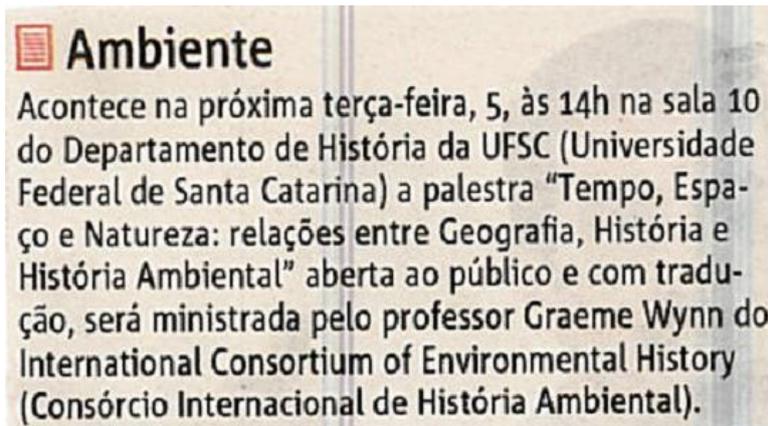
Um dos próximos passos será a abertura de uma filial nos EUA, porque é mais vantagem ter unidade lá para exportar. Os sócios também avaliam estratégias para entrar forte na Ásia. O sistema da empresa catarinense permite controlar ações no ponto de venda, monitorar equipes e, depois, analisar resultados. Tudo fica registrado. A empresa é referência no Brasil em inovação e funcionalidade. Para se ter ideia da aceitação, a Involves cresceu 150% ao ano em 2014 e 2015 e projeta avançar 200% este ano.



Leia a entrevista completa com Jorge Arbache em: leiadsc/exportacao-nuovem

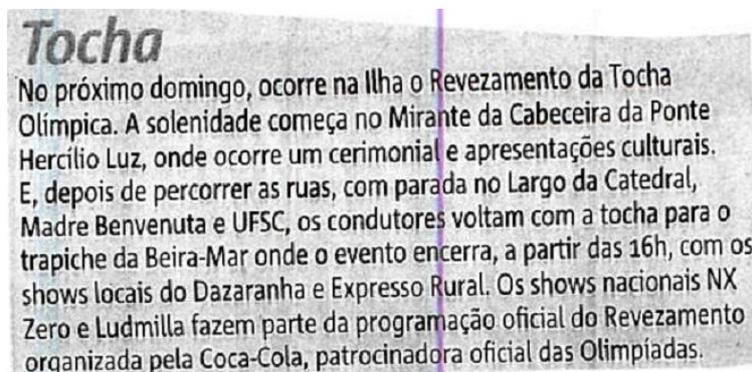
Notícias do Dia
Serviço
"Ambiente"

Ambiente / Departamento de História / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Palestra / Tempo, Espaço e Natureza: relações entre Geografia, História e História Ambiental / Graeme Wynn / Consórcio Internacional de História Ambiental



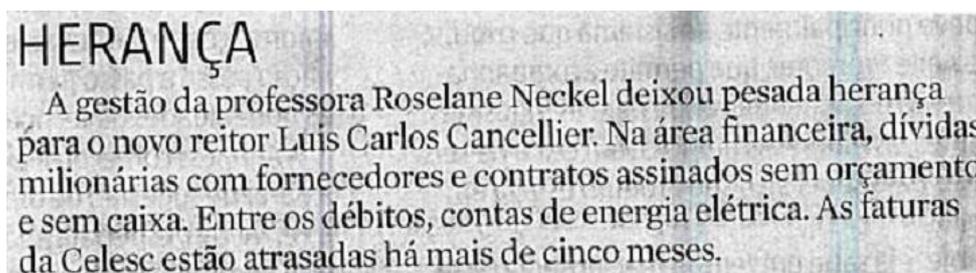
Notícias do Dia
Plural
"Tocha"

Tocha / Revezamento da Tocha Olímpica / UFSC



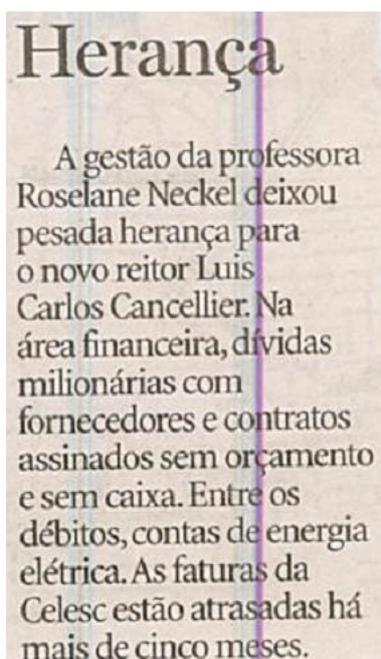
Diário Catarinense
Moacir Pereira
"Herança"

Herança / Roselane Neckel / Luis Carlos Cancellier de Olivo / Dívidas /
Energia Elétrica / Fornecedores



A Notícia
Moacir Pereira
"Herança"

Herança / Roselane Neckel / Luis Carlos Cancellier de Olivo / Dívidas /
Energia Elétrica / Fornecedores



Enfoque Popular Entrevista

“Não podemos sentar na cadeira da crise e ficar nos lamentando”

Não podemos sentar na cadeira da crise e ficar nos lamentando /
Entrevista/ Jefferson de Oliveira Gomes / Engenharia Mecânica / UFSC

[PeloEstado] Entrevista

JEFFERSON DE OLIVEIRA GOMES

“Não podemos sentar na cadeira da crise e ficar nos lamentando”

Diretor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-SC) desde fevereiro de 2015, possui graduação e mestrado em Engenharia Mecânica (UFSC, 1994 e 1995), além de doutorado pela UFSC em cooperação com a RWTH-Aachen (Alemanha, 2001). Há 12 anos é professor da Divisão de Engenharia Mecânica-Aeronáutica do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), onde também coordena o Centro de Competência em Manufatura. É orientador de pesquisas na pós-graduação e na graduação, sendo pesquisador bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Foi gerente executivo do Departamento Nacional do Senai para Tecnologia e Inovação (2011 a 2014). É consultor da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) para o grupo de trabalho sobre Manufatura Avançada. Em entrevista exclusiva à Coluna Pelo Estado ele falou sobre os diferenciais do Senai-SC e a indústria 4.0, assunto no qual é referência no país. E destacou o papel da Educação nesse novo cenário: “Educação é como alimento. Você pode ter comido tudo o que queria comer, mas, passadas três ou quatro horas, estará com fome”. Conheça mais sobre o Senai-SC e leia a entrevista completa em <http://www.centraldediarios.com.br/cnr>

[PEloEstado] - O que diferencia o Senai-SC dos demais estados?
Jefferson Gomes - O Senai de Santa Catarina tem algumas características diferentes. Preserva a sua função principal, que é promover de processos baseados em aprendizagem, mas, além disso, oferta duas modalidades que se aproximam do ensino técnico, porém distintas. Aqui é o único estado do país que tem o ensino médio acolado. Temos escolas do Senai que durante a manhã recebe o aluno para aulas do Ensino Médio e, à tarde, para o curso técnico. Estamos para lançar o curso de nível médio técnico, em apenas um turno. No período livre, pode fazer um técnico mais especializado ou um preparatório para o Enem, por exemplo. Além disso, o Senai de Santa Catarina tem cursos técnicos de dois anos, quando em outros estados os períodos são menores. E guarda uma característica muito interessante: as aulas são baseadas em problemas, ou seja, o aluno tem acesso primeiro aos desafios e, concomitantemente, aprende a teoria. A nossa carga de aulas em laboratório é bem densa. Em consequência, de cada dez alunos formados no Senai-SC, nove estão empregados. Um número fortíssimo, principalmente quando se sabe que a média do país não chega perto de 70%.

[PE] - O que explica isso?

Gomes - Nós temos um processo muito mais próximo da indústria e nos especializamos em prover aquilo que nós sabemos bem. O que é diferente daquilo que a sociedade precisa. Educação é como alimento. Você pode ter comido tudo o que queria comer, mas, passadas três ou quatro horas, estará com fome. Sempre será insuficiente e é fundamental que seja assim. Outra característica do nosso Senai é que tem trabalhado fortemente, ainda mais no último ano e meio, muito em função da

crise, o desenvolvimento dos cursos superiores. Também temos desenvolvido, nos últimos seis meses, o *Senai Mulher na Tecnologia*, algo aqui de Santa Catarina.

[PE] - Qual a motivação e do que se trata?

Gomes - Observamos que o percentual de mulheres é muito baixo em qualquer curso da área de tecnologia. O mundo todo tem colocado o gênero como uma questão importante. O Fórum Econômico Mundial tem tratado muito do tema, os Estados Unidos tem uma linha só para mulheres nas Ciências da Computação. Para acompanhar essa tendência, nós lançamos aqui o *Mulher na Tecnologia*. Para você ter uma ideia, todos os cursos que lançamos voltados para as mulheres, e modelados por elas, estão completos e com fila de espera. Tem demanda!

[PE] - Há alguma outra iniciativa semelhante?

Gomes - Por exemplo: Santa Catarina é um dos poucos estados que ainda tem, na área rural, base em minifúndio. Para esse público nós queremos desenvolver o empreendedorismo por meio do *Senai Tecnologia no Campo*. Queremos que o aluno estude no Senai, aprenda técnicas de sensores, de *softwares*, de aplicativos, de *big data* (grande volume de dados que impactam o dia a dia dos negócios), de internet das coisas (conexão entre equipamentos de usos diversos e diários), volte para o campo, aplique o que aprendeu e melhore seus resultados. Se olharmos para a pequena empresa, isso representa o desenvolvimento de uma nova cadeia de suprimentos.

[PE] - Que investimentos têm sido feitos, especialmente no interior?

Gomes - Nos últimos três anos, saímos de 35 para 62 unidades em todo o estado. Isso foi construído em uma época em que o Pronatec

(Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) era o carro-chefe. Entramos em uma crise absurda e o atendimento ao Pronatec diminuiu umas dez vezes. Mas não tratamos esse espaço como ocioso. A estrutura que ficou é, agora, uma oportunidade: como fazer com que aquela comunidade que se concentrou dentro do Pronatec, em cursos gratuitos, continue estudando? É aí que surge os novos programas, como o *Mulher na Tecnologia*, o *Tecnologia no Campo*, *Experiência do Vinho e a Experiência da Cerveja*, que envolvem desde a produção até o turismo. Não podemos sentar na cadeira da crise e ficar nos lamentando.

[PE] - O senhor é uma referência no país na chamada Indústria 4.0. O que é isso?

Gomes - Trata-se da convergência ou da integração de várias tecnologias, digitais, de máquinas, de sensores, internet das coisas, que eram muito caras e agora estão mais acessíveis. É trazer essas tecnologias para melhorar os *brownfields*, ou seja, as plantas, os pátios industriais preexistentes, e também em novos pátios, novas situações. E se temos várias possibilidades de combinação, significa dizer que a tecnologia chegou numa etapa em que é um meio para a sociedade, e não um fim. Tecnologia digital conversando e integrando com tecnologias de mecânica, de eletrônica e de elétrica. Isso é a 4.0. Isso muda a nossa ideia de indústria. Não é mais primário para a área rural, secundário para a indústria e terciário para comércio e serviços. Nesse sistema incorporado, temos um mundo integrado que permite a customização em massa.

[PE] - Os próprios empregos vão mudar. O Senai-SC está preparado para isso?

Gomes - Aí vêm os recursos hu-



Foto: Mídia, Wellington/Press

manos e estamos entrando num mundo que para qualquer educador pode ser extremamente motivante e aterradoramente. Esse cenário é instigante demais! Hoje, 30% da população mundial estão em profissões que não existiam há cinco anos. E ninguém percebeu! Na mesma lógica, o Fórum Mundial diz que 65% das profissões de 2024 ainda não existem. Daqui a simplórios oito anos! Diante dessa realidade, estamos direcionando tudo para essa lógica. Não podemos largar mão das especialidades tecnológicas que temos agora. Mas preciso ter gente que se associe mais às coisas. Não dá mais para ter uma pessoa formada só em um assunto. Assim, eu posso desenvolver um curso de mecatrônica e incluir programação, internet das coisas. Diferentes conhecimentos associados e que serão importantes para diferentes setores. Temos que estar atentos para esses movimentos.

[PE] - Nós, brasileiros, temos um atraso em relação à indústria 4.0? E como está Santa Catarina?

Gomes - Sim. Nós alemães, nós americanos, nós indianos... todos nós temos nossos atrasos. Não temos mais como medir em anos o atraso ou o avanço desta ou daquela nação em termos de tecnologia. Porque a tecnologia pode não ter sido desenvolvida ali, mas é usada ali. Hoje em dia tudo é muito rápido! Se o Brasil souber passar de uma maneira positiva por isso, se entender que o nosso negócio é desenvolver novas cadeias de suprimento, vai começar a ganhar força no desenvolvimento tecnológico. Dou como exemplo o *agribusiness*. Ninguém manda mais do que o Brasil nesse setor. Mas como levar a internet das coisas lá no meio do campo? Nós podemos, como infraestrutura de Estado, desenvolver essas condições. E as empresas podem entrar na mesma onda! Posso dizer que Santa Cata-

rina está atrás, mas tem todas as ferramentas para ficar na frente, porque temos bons institutos de formação tecnológica e voltada para a inovação, uma sociedade cooperativa e associativa e vários polos industriais, o que contribuiu para um melhor desempenho nesse momento de crise. Mas ainda não percebemos na totalidade o potencial de empreendedorismo que temos pela frente. E o Senai tem papel fundamental para desenvolver essa questão.

[PE] - O senhor participa de um grupo que trata desse assunto em nível nacional. Fale sobre isso.

Gomes - Represento a Unesco nesse trabalho que é coordenado pelos ministérios da Indústria e Comércio e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, e pela Confederação Nacional da Indústria (CNI). Dentro dos pilares que já coloquei, que são convergências tecnológicas, desenvolvimento de cadeias de suprimento, regulação, infraestrutura, legislação e recursos humanos, nós temos escutado cerca de 700 profissionais do país. Começamos em maio e terminamos em agosto. O objetivo é entregar ao governo e à CNI um documento com proposições de políticas industriais. Em paralelo, algumas ações já começaram a acontecer. A própria CNI estabeleceu uma linha de financiamento para montar ambientes em que possam ter testadas soluções para a indústria 4.0. Existem proposições de feriados regulativos, ambientes em que você testaria os problemas de regulação, de rigidez de trabalho, de segurança no trabalho. No Brasil, por exemplo, não podem ser usados robôs colaborativos. Essa questão sempre suscita a pensar no emprego. E eu provooco: imagina uma profissão que você não deseja para uma pessoa querida sua. Imaginou? Essa profissão, pela dignidade humana, tem que ser automatizada.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

SC não privatiza

Professor canadense apresenta palestra sobre história ambiental na UFSC

Campos Novos, Curitibanos e Lages pedem melhorias em estradas

Embaixador lança 2ª edição de livro sobre o Iraque

A intolerância de hoje faz mal à saúde e pode ser a doença de amanhã

Marcha da Saúde, da Seguridade e da Democracia

Dissolução societária e penhora de quotas sociais no CPC de 2015 (parte 1)

Livraria Livros & Livros completa 28 anos atuando na área de ciências humanas e sociais

UFSC está com cinco meses com a conta de energia elétrica atrasada

UNA-SUS/UFSC abre inscrições para o curso Eventos Agudos em Situações Crônicas de Saúde

Intervenção de Temer na EBC é tema de debate na UFSC

Professor canadense apresenta palestra sobre história ambiental na UFSC

UFSC confirma manutenção do curso de Medicina no Campus Araranguá

11ª chamada UFSC 2016

Mariana Guerra Miss Araranguá será coroada nesta quinta-feira

Fomento à inovação: Uma visão do Brasil e da Austrália

Ocupa MinC deixa prédio do Iphan, após interdição parcial por risco de colapso